

Disciplina de **Literatura Portuguesa III** (FLC0380) 2024 – matutino

Professora Doutora Annie Gisele Fernandes

Felipe Leme Xavier Augusto N° USP: 13745047

### **Proposta escolhida: 5 - Revista Orpheu**

No poema *Chuva Oblíqua* de Fernando Pessoa, publicado na revista *Orpheu* em 1915, é possível observar diversos elementos que dialogam com o que se pretendia como moderno na poesia e na arte em geral de sua época, como as inspirações futuristas que podem se verificar neste poema. Antes da análise do poema propriamente, convém delinear o contexto histórico deste período, para melhor compreensão do que Pessoa propunha como moderno.

O historiador britânico Eric Hobsbawm refletiu e cunhou o termo "século XIX estendido", visto a sua enorme quantidade acontecimentos, uma era que, segundo o escritor, se estende de 1789, data que marca o início da Revolução Francesa, até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Coincidentemente, a publicação do poema se realiza em 1915, no início do que seria a próxima era, do século XX, que é quando na literatura o modernismo e as vanguardas europeias vigoram, ao romper com as estéticas literárias anteriores. Certamente, a revista *Orpheu* desempenhou um papel importante enquanto vanguarda para movimentos artísticos modernistas que viriam a se deflagrar nos anos subsequentes, e seus poemas apontam para uma mudança de direção na literatura portuguesa.

Fernando de Guimarães, poeta e ensaísta português, explora em "O modernismo português e a sua poética" (1999), em seu primeiro capítulo "Para a definição de uma poética", reflexões acerca das distinções entre as poéticas do modernismo e das vanguardas, destacando que "A obra de vanguarda aproximar-se-ia antes da práxis da vida, de uma imediata e anar-quizante manifestação expressiva derivada de um verdadeiro impulso de des-construção (...)" (p.9). Por isso, é possível compreender este poema de Pessoa como um poema de vanguarda, pois ele desconstrói através de suas imagens, pela forma radical que ele chamou de "interseccionismo", influenciado pelo futurismo, em que vários planos observáveis se "interseccionavam", as formas tradicionais já conhecidas.

Assim, neste poema, dividido em seis partes, em que cada uma delas parecem ser independentes e ao mesmo tempo um único poema, o título "*Chuva*

*Oblíqua*" já indica algo que não está nos conformes. A chuva, que é rápida e passageira, e sua direção oblíqua, que tende a molhar as pessoas por mais que elas procurem se esquivar, demonstra algo que já é contraditório, como a própria modernidade, porque ao mesmo tempo que é passageira, fugaz, também é um estado que se faz presente e que incomoda.

Além disso, o poema não segue uma narrativa linear, mas apresenta uma série de imagens e sentimentos fragmentados que se entrelaçam de maneira complexa. Desde a abertura do poema, na primeira parte: "Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito", já se apresenta uma imagem fantástica, da travessia de um sonho que se projeta sobre uma paisagem. A noção de um "porto infinito" sugere tanto um local de partida quanto um destino inalcançável, podendo ser compreendida como uma metáfora para a busca incessante e interminável por significado e identidade. A paisagem aqui não é apenas um cenário, mas uma projeção do sonho e da mente do eu lírico.

Ao longo dessa primeira parte de *Chuva Oblíqua*, a fusão de elementos distintos e paradoxais, e a intersecção entre o real e o imaginário se mostram presentes, como por exemplo na figura do navio (que indica modernidade), com as árvores antigas, ou como no contraste entre a paisagem iluminada e o porto sombrio do sonho. No espírito do eu lírico, a luz do sol é transformada em escuridão, e as árvores ao sol são vistas como navios saindo de um porto. Esta inversão de percepções sublinha a subjetividade da experiência e a fragmentação da realidade.

Uma passagem em particular, mais à frente: "Não sei quem me sonho..." reflete e encapsula a fragmentação da identidade do eu-lírico, que não tem uma noção clara de quem ele é ou de quem o está sonhando, refletindo a crise de identidade que pode ser característica de tempos modernos e também, a exploração do eu como um conjunto de múltiplas e contraditórias facetas, relaciona-se com a obra de Pessoa que, com seus heterônimos, desdobrou-se em outras identidades poéticas.

Dessa forma, esse primeiro poema conclui com a transparência da água que permite ver o fundo do mar como uma estampa, unificando a paisagem externa com a interna do eu lírico. A nau antiga que passa entre o sonho e a realidade e entra na alma do eu lírico sugere uma fusão de tempos e espaços diferentes. A passagem da nau para o outro lado da alma pode também simbolizar a permeabilidade entre o consciente e o inconsciente, o real e o imaginário. Com isso, esta primeira parte do

poema serve como exemplo para os que virão depois, pois todos incorporam estes elementos, apesar de tratarem de imagens diferentes.

Em conclusão, *Chuva Oblíqua* de Fernando Pessoa, publicado na revista *Orpheu* em 1915, é certamente um poema vanguardista, que incorpora influências do futurismo, cubismo e simbolismo para criar uma obra que desafia as convenções literárias e explora a complexidade da experiência moderna. Através de sua estrutura fragmentada e imagens paradoxais, o poema reflete as transformações culturais e sociais do início do século XX, oferecendo uma visão inovadora e multifacetada da realidade.

### **Referências Bibliográficas**

Para a definição de uma poética. *In*: GUIMARÃES, Fernando. **O modernismo português e a sua Poética**. [S. l.]: Lello Editores, 1999. cap. 1, p. 7-61. ISBN 972-48-1766-0.

*Chuva Oblíqua*. *In*: PESSOA, Fernando. **Revista Orpheu**, 1915, v. 1, nº 2, p. 161-164.